

Karl Marx e o negro (1933)*

W. E. B. DU BOIS

Sem dúvida, Karl Marx é o maior personagem na ciência da indústria moderna. Ele foi o centro de uma controvérsia violenta por três quartos de século e, por isso, há algumas pessoas tão temerosas de suas doutrinas que não ousam estudar esse homem e o seu trabalho. Essa atitude é insustentável e, especialmente nos dias de hoje, quando o mundo está se voltando de forma tão ampla para a filosofia marxista, é necessário entender o homem e seu pensamento. Este pequeno artigo procura tão somente apresentar ao juízo¹ dos negros americanos o fato de que Karl Marx conhecia seus problemas e com eles simpatizava.

Heinrich² Karl Marx foi um judeu alemão que nasceu em 1818 e morreu em 1883. Atingiu a vida adulta, então, entre o pânico de 1837 e o governo do presidente Hayes.³ O aspecto sobre ele que deve ser enfatizado era seu conhecimento enciclopédico. Nenhum estudante contemporâneo que se debruçou sobre o tema indústria provavelmente se equipara à sua leitura e estudo quase ilimitados.

* "Karl Marx and the Negro", *The Crisis: A Record of the Darker Races*, v.40, n.3, mar. 1933. Tradução: Sávio Cavalcante.

- 1 Du Bois utiliza o verbo frasal *to bring before*, cujo sentido de "apresentar um fato ou evidência a uma pessoa ou grupo" é geralmente usado no contexto de levar uma pessoa, ou algum caso, ao tribunal ou a uma comissão especial de avaliação. (N. T.)
- 2 Em razão de documentos e trabalhos em que o próprio Marx usava o prenome do pai, muitas biografias ou notas (incluindo uma de Engels) consideravam ser este seu nome no registro oficial, o que não se mostrou correto. Ver M. Heinrich, *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*, São Paulo: Boitempo, 2018, p.38, nota 3. (N. T.)
- 3 Décimo nono presidente dos EUA, Rutherford Hayes governou de 1877 a 1881, fase final do chamado período da Reconstrução após a Guerra Civil. Esse período é objeto da análise que Du Bois irá desenvolver, propondo uma problematização original, em *The Black Reconstruction* (1935). (N. T.)

Ele conheceu algo a respeito dos negros americanos através de seus camaradas alemães que migraram aos Estados Unidos. Esses migrantes, entretanto, foram de pouca ajuda no que se refere a suas conclusões finais. Kriege, um radical alemão que foi para os Estados Unidos, disse de maneira franca, em 1846, que “nos sentimos obrigados a nos opor à abolição com todas as nossas forças”. Weitling, um comunista, deu pouca atenção à questão da escravidão. A Convenção dos Trabalhadores Alemães na Filadélfia de 1850 calou-se em relação à escravidão. Mesmo Weidmeyer, amigo pessoal de Marx, não disse nada sobre a escravidão em sua Liga dos Trabalhadores, fundada em 1853, ainda que, no ano seguinte, tenha se oposto à Lei Kansas-Nebraska.⁴ Quando a liga foi reorganizada em 1857, nada ainda se disse sobre a escravidão, e um braço poderoso da liga que havia se separado dela em 1857 defendeu amplamente a servidão de negros e chineses.

Eis que veio a guerra, e Marx começou a dar atenção à situação.

A atual luta entre o Sul e o Norte”, ele escreveu em 1861, “nada mais é [...] do que a luta entre dois sistemas sociais, o sistema da escravidão e o sistema do trabalho livre. Pelo fato de os dois sistemas não poderem mais viver de maneira pacífica lado a lado no continente norte-americano, a luta começou.

Ele estava bem familiarizado com os fantásticos líderes dos trabalhadores ingleses que evitaram que a Inglaterra reconhecesse o Sul e, até mesmo, entrasse na Guerra Civil. Foram eles que impregnaram em Frederick Douglass o sentimento antiescravagista e que organizaram aqueles protestos de massa colossais em Londres e Manchester no fim de 1862 e começo de 1863. É possível que Marx tenha colaborado com o discurso dirigido ao Presidente Lincoln em que se felicitou a República, nada encontrando a condenar, exceto “a escravidão e a degradação de homens culpados apenas de ter uma pele de cor e uma ascendência africana”. O discurso de Manchester felicitava o presidente por libertar os escravos no distrito de Columbia, pondo fim ao tráfico escravista e reconhecendo as repúblicas do Haiti e da Libéria, concluindo que “você não pode agora parar a completa destruição da escravidão”.

Foi depois disso, em setembro de 1864, que a Associação Internacional dos Trabalhadores foi formada. Nela, Marx desempenhou um papel de liderança, e saiu de sua pena a mensagem enviada para Abraham Lincoln em novembro de 1864:⁵

4 O ato Kansas-Nebraska, aprovado em 1854, concedeu a esses territórios, recém-criados ao norte da linha definida pelo compromisso de Missouri, o direito de decidir sobre a legalidade da escravidão, pelo qual recebeu forte apoio do Sul e reações contrárias dos abolicionistas, acentuando um contexto de divisão que levou à criação do Partido Republicano e, depois, à Guerra Civil. (N. T.)

5 Após cotejo, usamos aqui como base a tradução e as notas explicativas já existentes em edição brasileira: Marx e Engels, *Escritos sobre a Guerra Civil Americana*, organização e tradução de Felipe Vale da Silva e Muniz Ferreira, Londrina: Aetia/São Paulo: Peleja, 2020. (N. T.)

Senhor,

Nós cumprimentamos o povo americano por ocasião da vitória por uma larga margem.

Se a resistência ao poder dos escravistas foi a palavra de ordem moderada de vossa primeira eleição, o grito de guerra de vossa reeleição é: Morte à Escravidão.

Desde o início da luta titânica conduzida na América, os operários da Europa sentiram instintivamente que a sorte de sua classe dependia da bandeira estrelada. A luta por territórios que inaugura a terrível epopeia não deveria decidir se a terra virgem de zonas imensas seria fecundada pelo trabalho do imigrante, ou contaminada pelo chicote do feitor de escravos?

Quando uma oligarquia de 300 mil escravistas ousou, pela primeira vez na história do mundo, inscrever a palavra escravidão na bandeira da rebelião armada; quando no mesmo lugar onde, um século antes, a ideia de uma grande república democrática nascia ao mesmo tempo que a primeira declaração dos direitos do homem – que conjuntamente imprimiram um impulso inicial à revolução europeia do século XVIII, quando neste lugar a contrarrevolução se glorificava, com uma violência sistemática de reverter “as ideias dominantes da época da formação da velha Constituição” e apresentava “a escravidão como uma instituição benéfica, quicá a única solução ao grande problema das relações entre o trabalho e o capital”⁶, proclamando cinicamente que o direito de propriedade sobre o homem representava a pedra angular do novo edifício –, então as classes operárias da Europa entenderam imediatamente, antes mesmo que o apoio fanático das classes dominantes europeias à oligarquia confederada houvesse lhes advertido, que a rebelião dos senhores de escravos havia soado o alerta geral da santa cruzada da propriedade contra o trabalho e que, para os homens do trabalho, o combate de gigantes travado do outro lado do Atlântico colocava em jogo não apenas suas esperanças no futuro, mas também suas conquistas do passado. Eis por que eles suportaram os sofrimentos que lhes foram impostos pela crise do algodão e se opuseram com vigor à intervenção em favor do escravismo, que estava sendo preparada pelas classes elevadas e “cultivadas” e, na maior parte da Europa, contribuíram com sua cota de sangue para a boa causa. Enquanto os trabalhadores, o verdadeiro poder político do Norte, permitiram que a escravidão contaminasse a própria república, enquanto diante do negro, dominado e vendido sem ser consultado, se glorificavam por desfrutar do privilégio de serem livres para venderem a si mesmos e escolher os seus patrões, eles foram incapazes de combater em prol da verdadeira emancipação do trabalho ou de apoiar a luta emancipadora de seus irmãos europeus; essa barreira para o progresso, porém, foi levada pelo mar escarlate da Guerra Civil.

Os operários da Europa estão convencidos de que, se a Guerra de Independência Americana inaugurou uma nova época de ascensão das classes burguesas, a guerra

6 Discurso de Bright em Birmingham em 19/12/1862. (N. T.)

dos americanos contra a escravidão inaugurou uma nova época de ascensão da classe operária. Eles consideram como o anúncio de uma nova era que a vida tenha designado Abraham Lincoln, o enérgico e corajoso filho da classe trabalhadora, para conduzir o seu país em uma luta sem igual pela libertação de uma raça acorrentada e pela reconstrução do mundo social.

O embaixador americano em Londres respondeu a carta de modo simpático.⁷ Em 13 de maio de 1865, após o assassinato de Lincoln, Marx enviou outra carta em nome da Associação Internacional:

Senhor,

O demônio da “instituição particular” para cujo reinado o Sul pegou em armas não poderia permitir a seus adeptos se baterem de maneira honrosa em campo aberto. O que se iniciou pela traição não poderia se concluir senão pela ignomínia. Da mesma forma que a guerra de Filipe II em defesa da inquisição suscitou um Gerard, a rebelião pró-escravista de Jefferson Davis produziu um Booth.⁸

Depois desta terrível Guerra Civil, a qual, por suas vastas dimensões e seu gigantesco teatro de operações, não parece ter durado mais de noventa dias, se comparada às guerras de Cem Anos, de Trinta Anos e de 23 anos que ocorreram no Velho Mundo, é a vós, senhor presidente, que cabe a tarefa de eliminar pela lei o que foi decidido pela espada e de empreender a difícil obra de reconstrução política e de regeneração social.

Um profundo sentimento de sua tarefa formidável irá poupá-lo de qualquer compromisso diante das difíceis tarefas que ainda estão por cumprir. Não esqueça jamais que no início desta nova era da emancipação do trabalho, o povo americano confiou a responsabilidade de sua direção a dois homens do (mundo) do trabalho: Abraham Lincoln e Andrew Johnson.

Depois do fim da guerra, em setembro de 1865, ainda outra carta, da mesma fonte, foi enviada ao povo dos Estados Unidos:

Novamente, felicitamos-vos pela remoção da causa da aflição desses anos – pela abolição da escravatura. Essa mancha em seu brasão, tão brilhante se não fosse ela, está para sempre apagada. Nunca mais o martelo do leiloeiro irá anunciar em seus mercados a venda de carne e sangue humanos, nunca mais fará estremecer a humanidade de tão cruel barbárie.

Seu nobre sangue foi derramado para tirar essa mancha e a devastação alastrou sua mortalha escura pelo país em castigo pelo passado.

7 A resposta do embaixador Charles Adams está publicada em Marx e Engels (2020, p.294-295). (N. T.)

8 John Wilkes Booth (1839-1865) assassinou Lincoln em abril de 1865. (N. T.)

Hoje vocês são livres, purificados pelo sofrimento. Um futuro mais brilhante está alvorecendo em sua república, proclamando para o velho mundo que um governo do povo e pelo o povo é um governo para o povo e não para uma minoria privilegiada. Temos a honra de expressar a vocês nossa simpatia com sua aflição, de enviar palavras de encorajamento em suas lutas, e felicitá-los por seu êxito. Permita-nos adicionar uma palavra de conselho para o futuro.

A injustiça contra uma fração de seu povo foi acompanhada de consequências terríveis, coloque um fim a isso. Declare seus concidadãos de agora em diante livres e iguais, sem nenhuma reserva. Se vocês negarem a eles direitos de cidadania enquanto exigem deles deveres de cidadãos, cedo ou tarde vocês irão encarar uma nova luta que irá encharcar uma vez mais seu país de sangue.

Os olhos da Europa e de todo o mundo estão voltados para suas tentativas de reconstrução, e os inimigos estão sempre prontos para soar o sino da morte às instituições republicanas tão logo eles vejam oportunidade.

Nós então os prevenimos, como irmãos em uma causa comum, a quebrar todas as correntes da liberdade, o que tornará sua vitória completa.⁹

Em junho do mesmo ano, poucos meses depois de Johnson ter se tornado presidente, Marx, escrevendo a Engels, sente o início da reação:

Eu naturalmente vejo o que é repulsivo na forma do movimento Yankee, mas encontro a razão para isso na natureza da democracia burguesa [...] na qual a fraude esteve no trono soberano por tanto tempo. No entanto, os eventos são um levante mundial [...].

Naturalmente, Marx se posicionou pela democracia abolicionista, liderada por Sumner e Stevens:

O Sr. Wade declarou num encontro público que, depois da abolição da escravatura, uma mudança radical na relação entre capital e propriedade da terra está próxima da ordem do dia.

Desconfiado de Johnson, escreveu pra Engels em 1865:

9 A origem desta carta é o discurso lido por William Cremer, e aprovado por aclamação por mais de trezentos trabalhadores e delegados vindos de toda a Europa, na Conferência de Londres da AIT em 28 de setembro de 1865. Os editores da MEGA apontam que seria de Cremer a autoria do texto, mas Marx não apenas estava presente quando ele foi lido, como acompanhou de perto a preparação de todos os documentos para esta conferência. Em *Black Reconstruction in America* (1935), Du Bois volta a ressaltar a “corajosa” declaração “com a assinatura de Marx” de que a incapacidade de lidar com o legado da escravidão poderia novamente encharcar o país de sangue (K. Anderson, *Marx nas margens*. São Paulo: Boitempo, 2019, p.181-183). (N. T.)

A política de Johnson me incomoda. Uma afetação ridícula de severidade com indivíduos, e até agora altamente *vacilante* e fraco na coisa em si. A reação já começou na América e em breve será fortalecida se essa covardia não colocar um fim nisso.

E, por fim, em 1877 [25 de julho], depois de os negros terem sido traídos pela oligarquia industrial do Norte, ele escreveu:

A política do novo presidente [Hayes] irá fazer dos negros aliados da classe trabalhadora, assim como a grande exploração de terra em favor das ferrovias, companhias mineradoras etc. [...] irá fazer os já insatisfeitos fazendeiros também se tornarem aliados da classe trabalhadora.

É uma grande perda para os negros americanos que a grande mente de Marx e seu extraordinário *insight* sobre as condições industriais não puderam ser apresentados em primeira mão à história do negro americano entre 1876 e a Guerra Mundial. O que quer que ele tenha dito e feito a respeito da ascensão da classe trabalhadora deve, portanto, ser modificado no que tange aos negros pelo fato de ele não ter podido estudar, logo em seus primórdios, o problema singular da raça nos Estados Unidos. No entanto, ele sabia bem a aflição da classe trabalhadora na Inglaterra, França e Alemanha. E os negros americanos, se desejarem ver de forma mais clara seu caminho no futuro, devem entender qual foi a solução dele para os problemas daquele povo.

Trabalho e Recompensa¹⁰

Uma das maiores dificuldades de estudar a ação humana é a imprecisão e a complexidade dos termos usados. O que entendemos por trabalho [*work*], labor [*labor*] e emprego? O que entendemos por salário, renda e recompensa?

Talvez, a explicação mais simples e lógica seria: quando o homem trabalha, ele produz algo de valor e aquele valor produzido pertence a ele como recompensa. É muito fácil conceber isso quando um homem trabalha numa fazenda isolada, apanha animais em armadilhas ou pesca sozinho no mar. Mas, na complicada vida moderna, é só olhar em volta e perceber que ou nossa fórmula está errada ou o mundo está de ponta-cabeça. Isso porque, hoje, os que trabalham mais recebem muito pouco e aqueles que não fazem praticamente nenhum trabalho de valor são incapazes de gastar suas elevadas rendas.

Talvez seja fácil conceber o que é o valor na vida moderna se lembrarmos que o valor de qualquer coisa, seja um produto material ou um serviço, depende do

10 Este trecho aparece na seção *Postscript by W.E.B Du Bois* do mesmo volume de *The Crisis* (março de 1933), em que figura o artigo “Karl Marx e o Negro”. Embora não o nomeie diretamente neste momento, Du Bois alude ao princípio erigido como lema por Marx em *Crítica ao Programa de Gotha* (1875): “de cada um conforme suas capacidades, a cada um conforme suas necessidades”. (N. T.)

custo de trabalho, seja de seu custo direto ou do custo necessário para repô-lo. O valor produzido pertence, então e naturalmente, a seu produtor. Mas, quem produz o valor no mundo industrial moderno? Não é apenas o trabalhador individual, mas a sociedade como um todo que, pela sua própria existência, eleva o valor das terras e, por sua cooperação, multiplica enormemente produtos e serviços. A divisão puramente técnica do resultado não poderia ser lógica ou justa de modo absoluto. Mas, de forma manifesta, a distribuição de valor, riqueza e renda deve estar, em última análise, de acordo com algum plano cuidadosamente concebido, levando em consideração a parte que o trabalhador desempenhou na produção; a contribuição daqueles que pensaram, elaboraram e mesmo sonharam, e as necessidades dos seres humanos em saúde, educação e inspiração.

A conhecida fórmula “de cada um conforme suas habilidades, a cada um conforme suas necessidades” expressa o mais elevado ideal de justiça e de salário e renda equitativos como retorno do trabalho honesto. Nós estamos tão abaixo disso hoje em dia que é, na realidade, um ideal entre muitas pessoas bem-intencionadas executar o mínimo trabalho possível e, ao mesmo tempo, obter a maior quantidade de riqueza e renda possível por meios justos ou irregulares. A própria afirmação deste problema em torno do trabalho e recompensa indica quão vasto e urgente ele é.

O negro americano, sendo predominante um trabalhador pobre, tem o interesse mais profundo em uma economia planejada, onde ele possa trabalhar de acordo com sua habilidade e possa ter como expectativa uma renda de acordo sua necessidade razoável, como um cidadão e participante da civilização. Ele é favorável a qualquer plano, mudança, reforma ou revolução que possa aproximar esse ideal dele mesmo e de todos os homens.